

HISTÓRIAS DA TRADIÇÃO ORAL: FORTALECENDO A MEMÓRIA E O PRESENTE DE POVOS QUILOMBOLAS CEARENSES¹

Vinícios Rocha de Souza² (Vinícios Ferraz),
Professor da FAEC/UECE, Crateús/CE/Brasil,
vinicios.souza@uece.br

Resumo: Este artigo é parte integrante de um projeto com o mesmo tema, cujo objetivo foi pesquisar, documentar e avivar as histórias da memória e da tradição oral de quilombos do estado do Ceará. Em nosso estudo, conseguimos: partilhar saberes em confluência com quilombolas; registrar histórias de encantamento e mistérios desses povos; produzir um artigo/relatório que descreve o papel das histórias da tradição oral na vivência da ancestralidade e na preservação das identidades culturais dos quilombos; e publicar um livro infantojuvenil intitulado *Histórias Quilombolas*, com 09 (nove) contos da tradição oral quilombola cearense. A abordagem metodológica envolveu prática colaborativa de trabalho de campo e entrevistas semiestruturadas com lideranças quilombolas, realizadas *in loco*. Foram pesquisados 03 (três) territórios, a saber, Serra da Rajada (Caucaia) – Região Metropolitana de Fortaleza; Serra do Evaristo (Baturité) - Região Serrana/Maciço; e Cumbe (Aracati) Região Litorânea. Os resultados apontam que as histórias da tradição oral, nos três quilombos estudados, ativam memórias, fortalecem a noção de pertencimento e constituem-se como peças-chave para o desenvolvimento da vida cultural quilombola.

Palavras-chave: histórias, memórias, tradições quilombolas.

1. Introdução

Existem milhares de quilombos e comunidades quilombolas remanescentes no Brasil. A preservação de sua cultura, a ampliação das oportunidades sociais e o direito legal à terra ainda figuram entre as principais bandeiras de luta dos povos quilombolas. Os dados são imprecisos, mas, segundo levantamento da SEIR (Secretaria de Igualdade Racial), de 2024, o estado do Ceará possui 109 quilombos, sendo que 59 deles, são certificados pela Fundação Palmares.

Entretanto, de acordo com estudos da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ, 2024), no Ceará existem 137 comunidades quilombolas. No passado, quilombo³ era uma comunidade de resistência formada por africanos e seus descendentes que

¹ Esse artigo integra projeto de mesmo título e foi apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT/CE), por meio do Edital Ceará das Artes - Literatura (Pesquisa e Memória Literária), realizado no biênio 2024-2025.

² Homem negro; ogan de terreiro de Candomblé; escritor de histórias infantis; entusiasta da literatura afrorreferenciada; mediador de leitura com foco em personagens negros do Ceará; fundador da Biblioteca Comunitária Afro e Indígena Liberto Napoleão; pesquisador da cultura popular cearense e quilombola; brincante e pesquisador do Carnaval; produtor do Afoxé Obá Sá Rewá; compositor; Poeta; formador de educadores; pedagogo, mestre e doutor em Educação (UFC).

³ Existem diferentes percepções em torno do significado da palavra quilombo. Alguns autores afirmam que no grupo idiomático *Bantu*, quilombo quer dizer “povoação”. Outros estudiosos, identificam a palavra Quilombo, especificamente originária da língua *quimbundo* (grupo *Bantu*), mas com tradução: local de descanso/pouso ou acampamento.

fugiam da condição de escravizados. Nesses locais, os negros refugiavam-se, resgatando laços de identidade e suas tradições culturais. O maior deles foi o Quilombo dos Palmares, liderado por Zumbi, localizado na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas.

Na atualidade, o conceito de quilombo engloba, também, territórios e comunidades autônomas formadas por populações negras ou descendentes de negros que cultivam a terra e vivenciam tradições de resistência social e cultural. Portanto, a terra é o fundamento da confluência física, social, econômica e espiritual da coletividade quilombola.

Todos somos conscientes dos malefícios do sistema escravocrata brasileiro para o povo negro. O Brasil foi o território onde mais aportaram seres humanos submetidos à condição de escravizados em toda a história e, também, a última das grandes nações do Ocidente a abolir a escravidão. Estima-se que, a partir do ano de 1530, cerca de 4,8 milhões⁴ de pessoas provenientes de diferentes regiões do continente africano, foram forçadamente trazidas para o nosso território. Isso, sem considerarmos a quantidade de vidas negras perdidas nos porões dos navios negreiros durante a difícil travessia marítima, e o número de escravizados que não constam em registros, em razão das atividades de tráfico clandestino.

Apesar dos movimentos de resistência protagonizados pelos próprios negros; da opinião e do apoio de parcela da população brasileira contrária à escravidão, e de toda a pressão internacional promovida por nações estrangeiras em favor da abolição, o caminho até o final do cativeiro do povo negro foi árduo e marcado por violências, injustiças, perseguições e um racismo duradouro. Além disso, foi bastante dificultado pelo uso do poder político e financeiro das classes sociais mais abastadas que se beneficiavam da manutenção do regime escravocrata.

Infelizmente, ao longo desse processo de manutenção da escravidão, diversas leis foram criadas com o objetivo de sustentar esse sistema. Entre elas, destaca-se, a lei de Terras, de 18 de setembro de 1850, que determinava que as terras brasileiras pertenceriam apenas àqueles que pudessem comprá-las, o que excluía a maior parte da população negra (escravizada ou ex-escravizada).

Assim, parte significativa dos quilombos formou-se a partir da resistência ao sistema escravista e às suas leis e políticas congêneres, por meio da conquista e ocupação da terra pelo povo negro, para a sua própria defesa e experiência de vida em liberdade. Outros territórios quilombolas, por sua vez, organizaram-se a partir da doação de terras, de terras obtidas em regime de troca mediante prestação de serviços e de outros modelos de ocupações produtivas, e em função dos processos migratórios das populações negras. Nesse contexto, os quilombos representaram continuamente espaços de luta do povo negro, símbolos de liberdade e preservação cultural.

⁴ Dados do The Trans-Atlantic Slave Trade Database. Cooperação internacional para a catalogação de dados sobre o tráfico de pessoas escravizadas, associada à Universidade de Harvard: <https://www.slavevoyages.org/>. Acesso em: 10 de fev. 2025.

Por conseguinte, a tradição oral sempre desempenhou um papel crucial na preservação da história, da cultura e da identidade nos quilombos. Foi a forma mais usual de socialização da memória, de partilha de conhecimentos e de narrativa de histórias de geração em geração, já que essas comunidades, durante parte significativa de sua existência, não tiveram acesso à educação formal ou meios escritos. Referimo-nos, tanto ao desenvolvimento dessas culturas no continente africano quanto à experiência afro-brasileira, na qual o Estado criou, ao longo da história, mecanismos que dificultaram a alfabetização da população negra e o seu acesso à escolarização.

Todavia, torna-se importante enfatizar que diversas sociedades africanas também desenvolveram códigos de comunicação escrita, alguns deles extremamente sofisticados. Ainda assim, mesmo entre as sociedades que possuíam registros escritos, a tradição oral sempre se revelou importante e relevante. Na cosmovisão e percepção da experiência social, tomando como referência os povos Yorubás, por exemplo, eles acreditam que a palavra é definidora do caráter humano e que a incursão pela mentira corrompe o ser, o separando da integração com o todo, com os demais indivíduos, com a natureza e com a sociedade, prejudicando o equilíbrio natural do mundo.

[...] Nas sociedades orais é onde a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. [...] o homem está ligado a palavra que profere. Está comprometida por ela. Ele é a palavra e a palavra encerra aquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e respeito pela palavra. Nas tradições africanas - que dizem respeito a toda a região de Savana ao Sul do Saara -, a palavra falada tinha caráter sagrado, vinculado a sua origem divina e as forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, era utilizada com prudência. A tradição oral é a grande escola da vida e, dentro dela, o espiritual e o material não estão dissociados. É ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação a arte, história, divertimento e recreação (Silvério, 2013, p. 56).

A fala possui, ao mesmo tempo, componente social e sagrado, pois tem o poder de criar, manter e transformar aquilo que se faz a partir dela. É, portanto, peça-fundamental na manutenção ou na ruptura da harmonia do próprio ser, das coisas e do mundo. É nesse contexto que as histórias de tradição oral emergem como um pilar enraizado da própria essência das comunidades negras.

Entendemos por histórias da tradição oral aquelas que são transmitidas verbalmente, por meio da memória, e que perpassam gerações, conectando o povo e a comunidade às explicações sobre suas origens, bem como aos seus saberes, costumes, crenças, valores, rituais, afetividades e regras de convivência. No caso das populações negras, as histórias de tradição oral foram e continuam sendo fundamentais para a sobrevivência, para o cultivo da memória, para a retradução das experiências culturais no presente e para o cultivo da experiência ancestral. Para os povos quilombolas brasileiros⁵,

⁵ Segundo dados do IBGE (2022) o Brasil possui 8.441 localidades quilombolas. A população quilombola é composta por 1,3 milhões de pessoas, com parte significativa desse povo vivendo fora dos territórios.

tais histórias fornecem elementos para a manutenção das identidades e o fortalecimento da coesão social, frente ao impacto da influência das culturas dominantes externas. No caso dos quilombos do Ceará, que envolvem a própria existência, a luta pelo reconhecimento do vínculo a terra, o combate à discriminação racial e cultural, e a educação quilombola, as histórias de tradição oral constituem um elemento fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social de suas crianças. Essas histórias, transmitidas pela oralidade — nas conversas, nos cantos, nas rimas e nas encenações —, constituem-se como potentes ferramentas formativas. Por meio delas, valores e saberes são compartilhados; identidades são construídas e reafirmadas; laços comunitários se consolidam; e o sentimento de pertencimento ganha força e significado. Foi diante dessa realidade que desenvolvemos esse projeto. Em nossa jornada, havia o desejo de compreender o entendimento de membros das comunidades quilombolas acerca da sua própria história oral e memorial. Ao mesmo tempo, buscamos realizar o registro de algumas dessas histórias e socializá-las junto aos demais cearenses.

“Avivar” e registrar a memória destes povos; reforçar as identidades; e facilitar a educação estética por meio da aprendizagem de uma literatura autorreferenciada: eis o nosso grande intento! Essas pessoas passaram a ter acesso a histórias e personagens que se alinham as suas trajetórias de vida. Além disso, esta pesquisa colaborou de forma significativa para a efetivação da lei nº 10.639/2023, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira (legislação ainda tão descumprida em nosso país). Esses processos favorecerão, inclusive, o contato de crianças de outras identificações étnicas do nosso estado com práticas culturais do povo negro, por meio do contato com as histórias quilombolas. Recentemente, a escritora Conceição Evaristo afirmou que é tempo de se “aquilombar-se”. Completo afirmando que é tempo de acolhermos e dialogarmos com os povos quilombolas de nosso Ceará profundo!

2. Caminhos da abordagem humanizada de pesquisa: os territórios quilombolas e os(as) amáveis defensores do povo, que foram colaboradores de nossa pesquisa

Optamos por desenvolver uma pesquisa/vivência de caráter exploratório (colaborativa), com trabalho de campo e entrevistas semiestruturadas, com vistas o registro de falas da tradição oral para elaboração documental. As atividades da pesquisa de campo nas comunidades quilombolas, ocorreram entre os meses de agosto de 2024 a agosto de 2025.

A pesquisa colaborativa configura-se como uma perspectiva metodológica que valoriza o **envolvimento** direto das comunidades na construção do conhecimento. Ao reconhecer (os)as sujeitos(as) pesquisados(as) como protagonistas, e não apenas como fontes de informação, essa

abordagem amplia a relevância social da investigação e contribui para o fortalecimento coletivo, promovendo autonomia, reconhecimento e partilha de saberes.

No que se refere à entrevista semiestruturada, trata-se de um procedimento orientado por um conjunto prévio de questões abertas que servem como eixo condutor da conversa, sem, contudo, restringi-la a um roteiro rígido. O pesquisador dispõe de temas norteadores, mas mantém liberdade para aprofundar aspectos emergentes ao longo do diálogo, acompanhando o fluxo das narrativas e favorecendo relatos mais densos e significativos (Triviños, 1987).

Tal estratégia revela-se especialmente pertinente em realidades nas quais a oralidade ocupa lugar central na partilha de conhecimentos. Entre comunidades quilombolas, por exemplo, a palavra carrega dimensões simbólicas, políticas e espirituais que extrapolam os padrões formais da escrita acadêmica. Nesse sentido, a entrevista semiestruturada possibilita respeitar tempos, modos de expressão e referências culturais próprias, priorizando uma escuta atenta e uma relação dialógica pautada na horizontalidade (Minayo, 2001).

Optamos por realizar o processo de pesquisa e coleta das histórias de tradição oral em pelo menos 03 (três) comunidades quilombolas cearenses: Cumbe (Aracati); Serra do Evaristo (Baturité); Serra da Rajada (Caucaia). O critério de escolha dessa amostra baseou-se na possibilidade registro das experiências diversificadas, contemplando um quilombo situado em município da Região Metropolitana de Fortaleza (Serra da Rajada/Caucaia); um quilombo situado em território Serrano (Serra do Evaristo/Maciço Baturité); e uma comunidade quilombola de mangue e mar (Cumbe/Aracati). Outro fator determinante foi a abertura das lideranças locais para a participação na pesquisa.

Agora, situaremos os leitores em relação aos territórios pesquisados (campo de pesquisa) e os principais atores/lideranças quilombolas (informantes/colaboradores) desse estudo.

O Quilombo Serra da Rajada situa-se no distrito de Tucunduba, no município de Caucaia, a aproximadamente 38,7 km de Fortaleza. A comunidade reúne cerca de 97 famílias, totalizando, em média, 300 moradores que mantêm viva a história e as tradições do território.

Segundo relatos preservados pela tradição oral, a ocupação da área remonta a cerca de dois séculos, quando homens e mulheres negros(as), que haviam fugido dos engenhos de cana-de-açúcar da região de Maranguape, buscaram refúgio na serra. Ali encontraram fontes de água abundantes e terras propícias ao cultivo, onde passaram a plantar milho, feijão, mandioca e arroz, além de colher frutos nativos, estruturando modos próprios de subsistência e organização comunitária. Entretanto, por volta do século XIX, com o avanço do processo de colonização portuguesa na região, as terras foram gradativamente usurpadas. Por meio de estratégias fraudulentas, muitas famílias quilombolas foram induzidas a trocar seus territórios por bens de pouco valor, como roupas, calçados e animais. Esse processo de expropriação prolongou-se por anos, provocando empobrecimento e profundas

transformações negativas no território. Muitos moradores passaram a trabalhar nas lavouras de café em condições de extrema exploração, enquanto diversas mulheres foram submetidas ao trabalho doméstico na chamada Casa Grande — construção histórica que ainda permanece no local como testemunho desse período.

Após a abolição da escravidão no Brasil, parte das famílias permaneceu no território, continuando a trabalhar nas fazendas em condições precárias, muitas vezes análogas à escravidão. Outros reorganizaram suas vidas como pequenos agricultores e colonos, reafirmando vínculos com a terra e com a identidade quilombola. Com o passar do tempo, a comunidade fortaleceu sua organização política e cultural no contexto das lutas quilombolas contemporâneas. O reconhecimento oficial como comunidade remanescente de quilombo ocorreu em abril de 2017, com a certificação emitida pela Fundação Cultural Palmares.

A Serra da Rajada destaca-se pela riqueza de seu patrimônio material e imaterial. Entre os marcos históricos e simbólicos encontram-se as Casas de Pedra, a Casa Grande, a Capela de São Sebastião, a Loca de Xangô e a antiga senzala de pedra, conhecida como “castelo”. A comunidade também é reconhecida pela Pedra da Rajada — um dos pontos mais elevados do Ceará, popularmente chamada de “Cabeço”. Cercada por natureza exuberante e nascentes de água, a comunidade desenvolve iniciativas como a Casa de Sementes Comunitária, voltada à preservação das sementes crioulas, dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais e da valorização da terra. A escola municipal desempenha papel central na formação das crianças e na transmissão da memória coletiva. No âmbito desta pesquisa, a principal colaboradora foi a senhora Gilcilene Ferreira Furtado, 46 anos, professora e liderança quilombola (reconhecida como guardiã da memória local), “nascida e criada” no Quilombo Serra da Rajada, em Caucaia.

O Quilombo Serra do Evaristo está situado no Maciço de Baturité, a aproximadamente 114,1 km de Fortaleza, no Ceará. A comunidade reúne cerca de 130 famílias, totalizando em torno de 300 habitantes, que mantêm vínculos profundos com o território e suas ancestralidades. Na região, evidenciam-se fortes matrizes indígenas e africanas. Pesquisas arqueológicas indicam ocupação humana entre os anos de 1280 e 1390 d.C., revelando práticas agrícolas, produção cerâmica e rituais funerários caracterizados pelo uso de urnas piriformes. Ao longo do tempo, moradores encontraram diversos vestígios materiais, como urnas funerárias, fusos, cachimbos, lâminas e restos ósseos. Posteriormente, essas descobertas passaram a contar com o acompanhamento técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Arqueosocio, resultando em convênios voltados à realização de escavações sistemáticas.

A trajetória da Serra do Evaristo está profundamente ligada à luta pelo direito à terra e à preservação de seus modos de vida, incluindo práticas alimentares ancestrais e o conhecimento

tradicional sobre ervas medicinais. O Museu Comunitário Serra do Evaristo, com cerca de uma década de atuação, guarda parte significativa dos achados arqueológicos e documentos históricos, tornando-se espaço fundamental de memória e valorização cultural. A Escola Municipal Osório Julião também desempenha papel essencial nesse processo, desenvolvendo atividades pedagógicas que registram e promovem os saberes tradicionais, as histórias de resistência e ações voltadas à educação antirracista.

Entre as manifestações culturais de maior relevância está a Dança de São Gonçalo, expressão religiosa e comunitária conduzida pela Mestra Socorro Fernandes. Realizada em celebrações locais e aberta à visitação, a dança fortalece laços coletivos e reafirma a herança ancestral. A medicina tradicional, os saberes de cura e a produção artesanal — como cestarias e peças em crochê — também constituem práticas vivas no cotidiano da comunidade. O reconhecimento oficial como comunidade quilombola ocorreu em 24 de março de 2010, por meio da certificação da Fundação Cultural Palmares. A colaboradora desta pesquisa na Serra do Evaristo foi Maria Rainara Costa Soares Castro, 29 anos, mulher quilombola, diretora da Escola Municipal Osório Julião.

Já o Quilombo do Cumbe localiza-se no município de Aracati, no estado do Ceará. Certificado pela Fundação Cultural Palmares em 2014, é composto por 168 famílias, das quais 100 se autodeclararam quilombolas. A base econômica da comunidade envolve principalmente a pesca artesanal, a mariscagem, o artesanato e a agricultura familiar. O território do Cumbe é marcado por ecossistemas fundamentais para seu modo de vida, como manguezais, carnaubais, dunas, gamboas, o rio Jaguaribe e o mar. Esses elementos naturais estruturam as práticas produtivas, culturais e espirituais da comunidade. O nome “Cumbe” deriva do quimbundo e remete a significados como sol, chama ou fogo, sendo também associado à ideia de quilombo. Historicamente, a região esteve ligada à produção de cana-de-açúcar e derivados como cachaça, rapadura e açúcar.

Com origens que remontam a vida nos engenhos do século XVIII, o Cumbe carrega uma trajetória de resistência à escravidão e de preservação de tradições culturais e religiosas. Atualmente, enfrenta desafios relacionados à instalação de empreendimentos de energia eólica e à carcinicultura, que impactam diretamente seu território e ameaçam práticas tradicionais. Ao longo dos anos, a comunidade tem protagonizado mobilizações em defesa de seus direitos, enfrentando pressões externas e conflitos internos. A Associação Quilombola do Cumbe, criada em 2012, constitui importante instrumento de organização coletiva, atuando na defesa dos direitos sociais, no fortalecimento da identidade quilombola e na promoção de atividades culturais e educativas. O principal colaborador da pesquisa no Cumbe foi João Luís Joventino do Nascimento, conhecido como **João do Cumbe**, 52 anos. Quilombola, pesquisador, defensor de direitos humanos e educador popular, é militante do Movimento Quilombola do Ceará, do Movimento de Pescadores/as Artesanais e da Organização Popular (OPA).

3. História e memória quilombola é vida cotidiana e transcendental!

Desde os primórdios da humanidade, contar histórias tem sido uma forma essencial de organizar o mundo, compreender a experiência humana e compartilhar conhecimentos. Em sociedades ágrafas ou em contextos em que o acesso à escrita foi historicamente negado, a oralidade afirma-se como um pilar da transmissão cultural. Assim, a oralidade não é apenas uma forma de comunicação, mas uma maneira de existir no mundo. Walter Ong (1982), destaca que a oralidade não é meramente a ausência da escrita, mas uma forma própria de interação que valoriza a memória, a repetição e a performance, configurando uma experiência sensorial e emocional única para quem escuta.

Em contextos como os dos povos quilombolas, ela constitui uma prática de resistência frente aos apagamentos impostos pela colonização, pela escravidão dos povos negros e pelo racismo estrutural. Por meio das histórias orais, essas comunidades preservam cosmovisões, memórias e formas de organização social. Trata-se, não é apenas uma forma de expressão cultural, mas um instrumento político e epistemológico de afirmação da negritude. A oralidade resgata a dignidade da palavra viva, da ancestralidade e do saber comunitário. Por isso, valorizar as vozes quilombolas é, também, romper com paradigmas coloniais e reconhecer a potência intelectual dos povos afrodescendentes.

A memória coletiva, conforme Maurice Halbwachs (1990), não é um depósito neutro de lembranças, mas uma construção social que se organiza a partir dos grupos de pertencimento. Isso significa que a memória é moldada por valores, práticas e símbolos compartilhados por uma coletividade. Assim, o ato de rememorar, especialmente em contextos comunitários, envolve também o resgate de narrativas identitárias e de modos próprios de estar no mundo.

No caso das comunidades quilombolas, pesquisar oralidade implica em adentrar os caminhos das memórias: uma forma de romper com o silenciamento histórico imposto pelo colonialismo e pelo racismo estrutural. Como afirma Ecléa Bosi (1994), a memória representa um “arquivo vivo” que preserva saberes tradicionais, formas de organização comunitária, histórias de luta e resistência, além de concepções próprias de tempo e ancestralidade.

Para o informante João, do quilombo do Cumbe, Aracati/CE:

“Desde criança, ouvir as histórias que minha mãe contava, em tempo de travessia em direção ao espaço de lavagem de roupa entre as dunas. Isso era algo mágico e místico. Ela falava sobre os povos indígenas que tinham cemitérios no local. Falava sobre a tropa de Dom Sebastião que vivia no alto das dunas. Essas histórias aguçavam a minha imaginação e encantamento pela vida. Provocava múltiplas sensações, da coragem ao medo. Essas histórias me ajudaram a compreender que eu faço parte de um povo, criativo, que tem uma tradição cultural própria. Que não depende de outras narrativas. Isso fortaleceu

a minha percepção de ser quilombola. De um povo que nunca se entregou, que sempre lutou pela liberdade e pela preservação de sua cultura. Agora, adulto, vejo que essas histórias são uma forma de reafirmar nossa identidade e nosso compromisso com o quilombo. Quando compartilhamos essas narrativas, construímos uma ponte entre passado e futuro, que fortalece nossos laços comunitários e espirituais. Sinto que as histórias são a alma do quilombo, e que a oralidade é a maneira mais viva e potente de manter nossa cultura pulsando.”

Para a informante **Gilcilene Ferreira** do Quilombo Serra da Rajada – Caucaia/Ceará:

“As histórias que eu ouvia da minha mãe e da minha avó desde pequena foram a base de tudo na minha vida. Elas não são apenas palavras, são lições que carregam a força dos nossos ancestrais, que nos ensinam como ser quilombola de verdade. Quando eu conto essas histórias para os mais jovens, sejam crianças ou adultos, vejo que elas despertam um orgulho que não se aprende na escola. A gente ensina a criança a respeitar a terra, a valorizar a natureza, a entender que nossa comunidade é fruto de luta, de resistência contra muita opressão. Para o adulto, essas histórias relembram que somos parte de uma história maior, integrada a natureza, que não podemos deixar morrer. É na tradição oral que a gente encontra nossos valores, nosso jeito de ser no mundo. Por isso, digo que preservar essas histórias é preservar a vida do quilombo.”

Para a informante **Rainara Soares** do Quilombo da Serra do Evaristo – Baturité/Ceará:

“As histórias que contamos aqui no quilombo são mais do que lembranças, são ferramentas de aprendizado e união para todos. Para as crianças, essas histórias são o primeiro contato com a cultura negra, com a ancestralidade que não aparece nos livros convencionais. Mas na escola fazemos o possível, através da palavra mesmo. As crianças aprendem sobre nossas tradições, as festas, os valores de solidariedade e respeito, e isso ajuda a formar a identidade delas desde cedo. Para os adultos, as histórias reforçam a memória da luta, da resistência contra a escravidão, contra a discriminação que ainda enfrentamos. Em muitas rodas de conversa, as pessoas mais velhas contam sobre como o quilombo foi formado, como sobreviveram e resistiram apesar das dificuldades. É um momento onde o passado se torna presente e fortalece nossa comunidade. Essa tradição oral é o que mantém vivo o espírito do quilombo, unindo gerações em torno de uma história comum e nos ajudando a preservar o meio ambiente”.

Todos os depoimentos apontam que, apesar dos desafios impostos pela modernidade e pelo avanço das mídias digitais, ainda há forte valorização da transmissão oral, sobretudo por meio das trajetórias familiares, dos encontros comunitários e das estratégias pedagógicas de formação de identidades, para além do currículo tradicional, nas escolas quilombolas.

Para as crianças quilombolas, as narrativas orais constituem o primeiro contato com a cultura e a história de seu povo. Elas são instrumentos que vão além do entretenimento; servem para despertar valores como o respeito, a solidariedade, a justiça e a cooperação.

Por meio das narrativas, as crianças e os jovens aprendem sobre o mundo em que vivem, compreendem os papéis sociais e internalizam as normas e expectativas da comunidade (Bruner, 1996). Dessa forma, a tradição oral desempenha função educativa que antecede e/ou complementa a

escolarização formal. As histórias orais configuram um espaço privilegiado para a interação entre gerações, onde a criança é incentivada a participar ativamente, dialogar e construir sentidos.

No âmbito da formação da identidade quilombola, as histórias de tradição oral são essenciais para que as crianças reconheçam suas raízes culturais e se percebam como membros de uma coletividade com história e valores próprios. Para os povos quilombolas, as narrativas sobre a luta contra a escravidão, a preservação das terras e as práticas espirituais ajudam a afirmar a negritude e a resistência cultural. Esse movimento de afirmação de identidades é crucial para o desenvolvimento da autoestima e para a construção de uma visão de mundo crítica e engajada na luta.

Outro aspecto relevante é o papel das histórias orais na transmissão de saberes ambientais e tradicionais. As comunidades utilizam as narrativas para ensinar às crianças sobre o cuidado com a natureza, o uso sustentável dos recursos e o respeito aos ciclos naturais: conhecimentos que são fundamentais para a manutenção do modo de vida comunitário e para a preservação ambiental. Assim, as histórias de tradição oral constituem um patrimônio cultural inestimável que contribui decisivamente para a formação das crianças e dos jovens, enquanto sujeitos históricos, culturais e sociais.

Vimos nos quilombos do Cumbe, Serra da Rajada e Serra do Evaristo, ações que se relacionam a valorização e vivência de uma pedagogia ancestral, que dialogam com as práticas educativas contemporâneas e que podem enriquecer os processos de ensino e aprendizagem. É imprescindível, portanto, que políticas públicas e instituições educacionais promovam espaços e condições para que as histórias da tradição oral sejam preservadas, respeitadas e incorporadas nos currículos e nas práticas pedagógicas, sobretudo nas redes de educação dos municípios onde as culturas tradicionais quilombolas existem.

Entre as histórias coletadas nos quilombos pesquisados, destacam-se, principalmente: histórias com ênfase em personagens históricos que passaram por processos de encantamento; narrativas sobre seres místicos; histórias que valorizam elementos da natureza, como árvores; contos com pretensões de aconselhamento moral. Essas figuras representam não apenas personagens históricos, mas símbolos de força, autonomia e espiritualidade.

A tabela abaixo explicita as histórias da tradição oral que apareceram com maior recorrência:

CUMBE	SERRA DO EVARISTO	SERRA DA RAJADA
O Cumbe do rei Dom Sebastião	O pilão	A pedra do sapo
O Ingá mágico	Tocha de fogo	O encantamento
O pai do Manguê	A procissão	O homem do assobio

Compreendemos que essas histórias de tradição oral, em maior tempo, operam como instrumento de educação informal, em que valores como respeito aos mais velhos, coletividade, espiritualidade e relação com a natureza são transmitidos de forma sensível. Elas permitem que os quilombolas protagonizem suas próprias narrativas, formando uma consciência histórica sobre seu passado e presente. Essa pedagogia do oral (Hooks, 1994), valoriza a escuta ativa, a emoção e a experiência, desafiando os modelos eurocêntricos de educação. Elas reforçam identidades, transmitem valores e instruem sobre modos de vida, funcionando como arquivos vivos da memória coletiva.

4. Conclusões

A tradição oral constitui um dos principais pilares da resistência e da continuidade cultural dos povos quilombolas do Cumbe, da Serra do Evaristo e da Pedra da Rajada. Ao longo deste estudo, demonstrou-se que as histórias transmitidas oralmente não apenas preservam memórias, mas também forjam identidades, educam as novas gerações e fortalecem laços comunitários.

Essas narrativas, sustentadas na escuta, na convivência e no respeito aos mais velhos, funcionam como instrumentos pedagógicos, espirituais e políticos. Estudá-las e valorizá-las é essencial para compreender a diversidade de formas de saber que compõem o tecido social dos quilombos cearenses.

Em tempos de avanço do mundo digital e de homogeneização cultural, torna-se ainda mais urgente reconhecer e preservar a oralidade como patrimônio imaterial da cearensidade quilombola. No contexto da vida quilombola, ela é uma fonte viva de conhecimento e resistência, que deve ser escutada, respeitada e protegida.

Diante das ameaças impostas pelo esquecimento, pela marginalização dos saberes tradicionais e pelas transformações socioculturais contemporâneas, reafirmar o valor da oralidade é uma urgência histórica. Investir em sua preservação — por meio de registros sistemáticos, da educação intercultural, do fortalecimento comunitário e da formação de políticas públicas — é reconhecer os povos quilombolas como guardiões de uma herança viva e indispensável à diversidade cultural brasileira.

Portanto, é necessário ouvir as vozes que ecoam dos quilombos, pois nelas reside uma sabedoria ancestral capaz de iluminar caminhos de justiça, pertencimento e reconstrução coletiva. As histórias contadas ao pé do fogão, nas rodas de conversa, nas atividades laborais, nos festejos coletivos e nos terreiros são mais do que lembranças: são sementes de resistência plantadas na terra fértil da memória.



5. Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império**. Rio de Janeiro, 1850. Site do planalto, 2024. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L0601-1850.htm. Acesso em: 12 abr. 2025.

_____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CONAQ. **Comunidades quilombolas do Ceará são certificadas pela Fundação Palmares**. Site da CONAQ, 2025. Disponível em: <https://conaq.org.br/comunidades-quilombolas-do-ceara-sao-certificadas-pela-fundacao-cultural-palmares/>. Acesso em: 17. Jun. 2025.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. São Paulo: Artmed, 1996.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: População quilombola – Primeiros resultados**. Site: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2001.

ONG, Walter J. **Oralidade e Escrita: tecnologias da palavra**. São Paulo: EDUSP, 1982.

SECRETARIA DA IGUALDADE RACIAL DO ESTADO DO CEARÁ – SEIR. **Comunicação: Comunidades Quilombolas do Ceará**. Site: governo do estado do Ceará, 2025. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/>. Acesso em: 18 mai. 2025.

SILVÉRIO. Valter Roberto (Editor Geral). **Síntese da Coleção História Geral da África: Pré-história ao século XV**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCAR, 2013.

THE TRANS-ATLANTIC SLAVE TRADE DATABASE. **Cooperação internacional para a catalogação de dados sobre o tráfico de pessoas escravizadas, associada à Universidade de Harvard**. Site: slavevoyages, 2025. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.